



Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de Psicologia

Bacharelado em Psicologia

**POR UMA PRÁTICA AMOROSA: DIÁLOGOS SOBRE O COTIDIANO DE
TRABALHO**

Sabrina Maria Souza Tavares

João Pessoa

2023

Sabrina Maria Souza Tavares

Por uma prática amorosa: diálogos sobre o cotidiano de trabalho

Trabalho de Conclusão de Curso realizado sob orientação da Prof.^a. Dr.^a. Manuella Castelo Branco Pessoa e apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

João Pessoa

2023

Por uma prática amorosa: diálogos sobre o cotidiano de trabalho

Sabrina Maria Souza Tavares

Banca examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Manuella Castelo Branco Pessoa (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a. Dr.^a. Tâmara Ramalho de Sousa Amorim
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Pedro Felipe Moura de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba

Dedico este trabalho a todas as crianças e adolescentes que têm os seus direitos fundamentais à vida negados e a todos/as trabalhadores/as que lutam pela defesa e garantia deles.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por nunca ter me desamparado. Por todo o cuidado, amor, proteção e por ter me presenteado com as melhores pessoas do mundo.

A minha avó, Maria das Neves, a minha rainha, meu maior exemplo de coragem e força. Sempre recebi os seus cuidados com muito amor, ainda que demonstrados à sua singela maneira.

As minhas amadas mãezinhas acadêmicas, professoras e orientadoras Fatima Pereira e Manu. Serei eternamente grata pelo nosso encontro, por todo o acolhimento, reconhecimento, carinho e afeto que têm por mim. Vocês são as minhas maiores inspirações para a vida. Nem todas as palavras do mundo traduziriam o amor e admiração que tenho por vocês.

Ao meu companheiro de vida e de profissão, Marcos, o amor da minha vida. A nossa união é a maior boniteza deste mundo. Obrigada por nunca ter desacreditado de mim, ainda que eu tenha tentado te convencer do contrário. Todo o seu apoio, incentivo, cuidado e amor foram fundamentais para a minha trajetória.

Aos meus tios e tias, Cristina, Cristiane, Crislaine, Telma, Germano, Pedro, Fransueldo e Ribeiro, que foram sempre presentes na minha vida em todos os bons sentidos. Sem vocês, eu não teria sequer iniciado essa graduação. Serei eternamente grata a todo o esforço, apoio e amor que me dão. Essa conquista é nossa.

As minhas primas e irmãs, Rayssa, Nathalia e Palloma. Meu quarteto preferido, sou imensamente feliz por dizer que vocês são minha família. Obrigada por sempre terem acreditado e lembrado do meu potencial, por todo o apoio e atenção quando mais me senti sozinha. Amo vocês!

A Sabrina, minha amiga, pelos anos de amizade, companheirismo, presença, apoio e cuidado. De quem sempre ouvi “eu estou muito feliz por você” e quem me deu o título de madrinha do bebê mais lindo do mundo, Rafael. Vocês são essenciais na minha vida!

Ao meu amigo Emilson, que ama conversar sobre Psicologia e tomar chá comigo. Infelizmente a distância dificultou os nossos chás e as “sessões de terapia” da tarde. Obrigada por todo o reconhecimento, incentivo e cuidado comigo!

A minha amiga, Alice, presente que a universidade me deu. Obrigada por todas as trocas, aprendizados, músicas, filmes e cartas compartilhadas. A minha caminhada foi mais feliz com você.

Ao NUPEDIA, meu núcleo amado, que me mostrou o meu lugar na Psicologia. Agradeço a todas pessoas que tive a oportunidade de trocar experiências e aprender, foram fundamentais no meu processo.

A todas as crianças e adolescentes que tive a oportunidade de conhecer, escutar e acolher durante as pesquisas e no estágio. A quem me deram o prazer de ser chamada de “tia” ou “professora”. Elas que me inquietaram e mobilizaram a lutar pela transformação social. Nunca esquecerei de vocês.

A todas as trabalhadoras e trabalhadores da ONG onde estagiei. Sou muito grata por todo o acolhimento, carinho e aprendizado construído. Sempre levarei vocês em meu coração! Desejo muita esperança, força e coragem para continuarem com essa luta.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
Introdução	9
A construção da prática <i>Psi</i>	13
Reuniões Semanais de Orientação	13
Metodologias de Trabalho.....	15
Cotidiano de trabalho.....	16
Reuniões de planejamento com os núcleos gestor e pedagógico	16
O cotidiano na cozinha.....	18
Ações Realizadas pela instituição com as crianças e adolescentes e seus familiares	19
Mapeamento educacional.....	24
Encontros com os familiares	25
Ações em Saúde do trabalhador/a: encontros sobre o trabalho e sobre o cuidado.....	27
Tecendo considerações para pensar a prática <i>Psi</i>	32
REFERÊNCIAS.....	35

RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar um relato de experiência de estágio supervisionado em Psicologia Social do Trabalho em uma Organização Não Governamental (ONG), sem fins lucrativos. O estágio teve como proposta compreender as relações entre os/as trabalhadores/as e educandos/as no cotidiano do trabalho, bem como discutir sobre as práticas interventivas realizadas durante o estágio, utilizou-se dos conhecimentos da Psicologia Social do Trabalho, dos princípios sobre comunidade e comunicação de Paulo Freire e de Bell Hooks. As principais ações foram voltadas para a construção de diálogos sobre o cotidiano de trabalho, as relações em uma gestão horizontalizada, as práticas de cuidado e reflexões sobre os sentidos e significados do trabalho para cada trabalhador/a. A vivência do cotidiano nessa organização de trabalho, como experiência formativa, possibilitou visualizar que práticas amorosas, de cuidado, justiça e comprometimento podem coexistir e resistir ainda que em contextos de vulnerabilidade. Nesse sentido, é dever e compromisso da Psicologia ocupar e construir espaços que visem a transformação social a partir da defesa dos direitos humanos, das políticas sociais e da justiça social.

Palavras-chave: Cotidiano de trabalho; Psicologia Social do Trabalho; Práticas de cuidado.

ABSTRACT

This article aims to provide an experience report from a supervised internship practice in Social Psychology of Work in a non-profit and Non-Governmental Organization (NGO). The internship aimed the understanding of the relationships between workers and students in their daily work, as well as discussing the interventional practices carried out during the internship, using the knowledge of the Social Psychology of Work, the principles of community and communication by Paulo Freire and Bell Hooks. The main actions were focused on the construction of dialogues about the daily work, the relationships in a horizontal management, the care practices, and reflections about the senses and meanings of work for each worker. The experience of daily life in this work organization, as a formative experience, allowed us to visualize that loving practices, care, justice, and commitment can coexist and resist even in contexts of vulnerability. In this regard, it is the duty and commitment of Psychology to occupy and build spaces that aim at social transformation based on the defense of human rights, social policies and social justice.

Key words: Daily work; Social Psychology of Work; Care practice.

Introdução

Este artigo tem como objetivo realizar um relato de experiência de estágio supervisionado em Psicologia Social do Trabalho em uma Organização Não Governamental (ONG), sem fins lucrativos. Esta ONG promove ações pedagógicas por meio da cultura e da arte, direcionadas para crianças e adolescentes do município de João Pessoa-PB. A proposta do estágio nessa organização tomou como base compreender as relações entre as trabalhadoras e trabalhadores e com os/as educandos/as no cotidiano de trabalho, bem como, a partir da construção dos sentidos e significados do trabalho para as/os trabalhadoras/es, propor intervenções relativas à saúde mental no trabalho, sob orientação dos princípios da Psicologia Social do Trabalho.

Pensar nesses elementos nos convida a refletir sobre o desenvolvimento da Psicologia brasileira. Iniciado no final do século XIX, a construção da psicologia no Brasil foi forjada sob forte influência da Europa e dos Estados Unidos e manteve suas práticas voltadas aos interesses da classe dominante do país (Antunes, 1999). Buscava-se a modernização através da adequação do trabalhador e da trabalhadora ao processo de industrialização do Brasil. Neste contexto, no início do século XX, a Psicologia fez-se presente na Psiquiatria, na Educação e no Trabalho. Neste último, utilizou a psicometria para sua prática nas organizações, do trabalho ou escola, o que impulsionou o processo de autonomização e institucionalização da área resultando na sua regulamentação no ano de 1962 (Gonçalves, 2013).

As interfaces das práticas psicológicas no trabalho e nas organizações culminaram na criação do termo *Psicologia Organizacional e do Trabalho*, na década de 90, fato que contribuiu para a atuação do psicólogo na área (Bastos, 2003). Com o processo de redemocratização do Brasil, e com a necessidade de leituras da psicologia social que analisassem os problemas da nossa sociedade iniciou-se o processo de construção da

Psicologia Social do Trabalho. Motivada pela indignação com a injustiça e desigualdade social, tal como pelo modo de exploração do trabalho no país, a Psicologia Social do Trabalho (PST) buscou estudar os problemas humanos no trabalho e a saúde do trabalhador, influenciada pelos estudos da psicologia social, da medicina social latino-americana e da saúde coletiva (Bernardo et al., 2017; Sato, 2003; Sato, Coutinho & Bernardo, 2018).

A PST, na tentativa de entender as relações de trabalho e as formas de subjetivação produzidas nelas, preocupa-se também com o cotidiano de trabalho. Tal busca está intimamente ligada à tentativa de entender a vida, pois é no cotidiano que a vida acontece. O sentido da palavra cotidiano pode remeter à rotina, como a manifestação de um campo de ritualidades, uma instância elementar da vida. No entanto, partindo da raiz etimológica da palavra “cotidiano”, de origem latina, rotina (rupta) está associada à ideia de rota (caminho), de onde derivam as expressões ‘rotura’ ou ‘ruptura’ - rompimento, interrupção e corte (Pais, 2003). Esse novo sentido confere ao cotidiano uma ideia de inovação, ruptura com o prescrito e concretização do real, onde as relações de trabalho estabelecidas podem ser reinventadas e a normatividade imposta pode ser transformada.

Sato e Oliveira (2008) defendem que o trabalho é um fenômeno que deve ser compreendido e problematizado, e não entendido como uma fonte de problemas (Spink, 1996). O dia a dia, cotidiano de trabalho, precisa ser reconhecido em sua complexidade, contexto em que os processos intersubjetivos aparecem e que vai demandar da gestão um olhar ampliado e crítico que favoreçam o entendimento das dimensões do trabalho, pois é a partir daí que emergem os desafios. De acordo com Chauí (1986), as tensões que existem entre o indivíduo, o grupo e a sociedade, entre o micro e o macro, o objetivo e subjetivo, a reprodução e a construção, entre o conformismo e a resistência vão refletir e moldar cada organização, exigindo um modo específico de gestão para o trabalho. Ao analisar o cotidiano de trabalho percebe-se como a gestão é por si própria um processo interativo, não apenas

ordenamentos sobre os trabalhadores. Nesse sentido, gerir o trabalho vai além do prescrito e da obediência, aproximando-se mais da invenção e de uma existência negociada (Coutinho, Oliveira & Sato, 2016; Sato & Oliveira, 2008).

É a partir da negociação e invenções das práticas que os processos de significação no trabalho vão se construindo. O trabalho é concebido enquanto um espaço de múltiplas produções intersubjetivas, em que há uma mediação simbólica entre os saberes coletivos e a micropolítica que vão se formando com os materiais investidos também simbolicamente, que são as técnicas, formas de enfrentar a realidade, o cotidiano (Oliveira, 2014). Assim, toda ação de um trabalhador produz sentidos e por eles são orientados.

Sendo a gestão um processo interativo e produtor de sentidos, pode-se dizer também que é *dialógico*, pois o diálogo é o mecanismo que estabelece a horizontalidade nas relações (Freire, 2013). Nesse caso, configura-se enquanto um modelo de gestão interativo, aquele onde as/os trabalhadoras/es tecem a trama intersubjetiva do trabalho em que também são protagonistas (Sato & Oliveira, 2008), instaurando um modelo de gestão participativo e horizontal. Embora no modelo de gestão vertical a figura do/ gestor/a esteja atribuída a poucas pessoas, no real do cotidiano de trabalho a função de gestão é feita também por trabalhadores que não são reconhecidos como tal (Schwartz, 2004; Spink, 1996).

A dialogicidade presente na gestão horizontal configura um novo modo de organização: a comunidade. Bell Hooks (2021), em seu livro *Tudo Sobre o Amor*, vai dizer que uma comunidade é formada quando um grupo de indivíduos aprende a se comunicar honestamente uns com os outros. A partir disso, as relações construídas nesse grupo serão pautadas no respeito e no compromisso mútuo, o que formará, como a autora nomeia, uma comunidade amorosa.

Ao nos depararmos com a história, missão e valores da ONG aqui em pauta, foi possível perceber vários desses princípios em sua descrição e ainda nas falas dos

trabalhadores e trabalhadoras que fazem parte desta. O movimento dessa instituição iniciou-se na década de 70 por parte de grupos artísticos da cidade e do país. Localizada em uma zona periférica da cidade, a instituição surgiu como uma Escola de Artes que tinha como objetivo incentivar a produção de cultura através de oficinas de teatro, arte da palavra e circo social. Hoje, enquanto ONG, a organização mantém os seus princípios de fomento à cultura, compromisso e transformação social por meio da educação, da arte e cultura destinados à proteção e defesa dos direitos das crianças, adolescentes e jovens do território local (Brasil de Fato, 2022).

A minha experiência no estágio aconteceu em dois semestres diferentes, o que permitiu vivenciar algumas mudanças no cotidiano de trabalho da instituição. No primeiro semestre do estágio, a ONG desenvolvia oficinas, aos sábados, de Circo Social e Capoeira como uma forma de incentivar o protagonismo infanto-juvenil, a autonomia, o trabalho coletivo e comunitário, além de promover ensino e aprendizagem através da perspectiva da educação afro-referenciada. No segundo semestre, a ONG passou a oferecer também oficinas, na segunda, terça e quarta-feira, de Teatro, Dança e Culinária, aos sábados, e mesmo não tendo sido possível manter a oficina de Capoeira, manteve-se a de Circo Social seguindo os mesmos princípios e ideais.

O coletivo de trabalho que forma esta instituição conta com o apoio de projetos culturais e educacionais, além de eventuais contribuições de *associados* - geralmente de antigos trabalhadores da organização e de artistas. No segundo semestre do ano de 2022, o coletivo era constituído por oito profissionais que configuram o Núcleo Gestor. No primeiro semestre de 2023, contou com nove profissionais. O Núcleo Gestor divide-se em quatro setores: o Administrativo; o Pedagógico; o Psicossocial; e o de Serviços Gerais, e é orientado por uma gestão horizontalizada e participativa em que cada equipe de trabalho faz parte de um todo indivisível e democrático. Os setores possuem atribuições específicas, o

Administrativo é responsável pela Diretoria Geral, Financeira e de Projetos; o Pedagógico é responsável pelas atividades de Circo Social, Capoeira (no ano anterior), Teatro, Dança e Culinária; o Psicossocial é responsável pelos serviços da Psicologia e da Assistência Social; e a categoria de Serviços Gerais é responsável pela Cozinha e Limpeza no geral.

Por compreender os princípios que orientam esse coletivo de trabalho e o contexto de potencialidades e existências diversas que se considerou relevante traçar relações com o que a Psicologia Social do Trabalho nomeia de “Cotidiano de Trabalho”, fenômeno fundamental para o entendimento das relações de adoecimento no trabalho e a construção de sentidos e significados pelos trabalhadores/as. O coletivo dessa organização carrega uma responsabilidade social na potência de agir do trabalho, por isso, a compreensão das práticas e relações estabelecidas nesse coletivo são de fundamental importância para a manutenção dos princípios e valores da instituição; assim como compreender relações de adoecimento é fundamental para poder transformar e produzir relações mais saudáveis (Ribeiro, Oliveira, Bernardo & Navarro, 2018).

A construção da prática Psi

Reuniões Semanais de Orientação

Para que as nossas ações na instituição fizessem sentido, realizávamos reuniões semanalmente com a nossa orientadora. O objetivo dessas reuniões era compartilhar o que estávamos vivenciando no campo de trabalho, as nossas observações do cotidiano e das relações entre os/as trabalhadores/as. A reunião também era um espaço de acolhimento das nossas angústias, inseguranças e medos que surgiam da nossa experiência no contexto de trabalho.

Pensávamos nas nossas ações sempre a partir do que era observado e vivenciado no dia a dia de trabalho da instituição, para que nossa prática tivesse uma intencionalidade.

Nesse sentido, relatar as nossas vivências e refletir sobre elas, e as relações ali empreendidas, os afetos, se colocava como uma tarefa fundamental para a realização do nosso trabalho. Aquele momento nos colocava em uma posição central de discussão do grupo, onde surgiam as proposições e encaminhamentos para o desenvolver do nosso trabalho. Além disso, o compartilhamento das nossas vivências com o grupo de orientação era uma maneira também de analisar como o nosso trabalho estava sendo recebido pelo coletivo da instituição e como estávamos nos sentindo nessas experiências, buscando sempre compreender para transformar.

Por várias vezes chegamos na reunião nos sentindo tristes, sobrecarregadas, cansadas, inseguras ou chateadas. Todos esses sentimentos faziam parte do processo do nosso desenvolvimento pessoal, das nossas relações no trabalho, dos atravessamentos que o contexto do trabalho teve em nossas histórias de vida e, sobretudo, do nosso fazer profissional e humano. Houve momentos onde me senti revoltada por ver na prática quão perverso e excludente é o nosso sistema de sociedade, triste por entender as minhas limitações enquanto pessoa e profissional em “solucionar” os sofrimentos e vulnerabilidades vivenciados pelas famílias, crianças, adolescentes e jovens atendidos pela instituição, preocupada e insegura em relação a minha contribuição no coletivo de trabalho da instituição.

Apesar desse turbilhão de sentimentos, tínhamos também os momentos de respiro a cada encontro. A relação que foi construída ao longo das reuniões, as leituras e discussões que realizamos, especialmente do livro “Tudo sobre o amor” de Bell Hooks, foi o respiro, acolhimento e apoio que necessitávamos. Nesses momentos conseguimos chorar, gargalhar, refletir e demonstrar nossas inseguranças, tristezas e revoltas. A apreensão dos significados que Hooks traz sobre o amor como ação, justiça e direitos, fortalecimento da comunidade, honestidade e respeito nas relações facilitaram a nossa formação e, por consequência, a nossa atuação na instituição. Passamos a olhar para nós com mais carinho, acolhimento e compreensão.

Metodologias de Trabalho

Com a intenção de registrar as informações e compreender o cotidiano de trabalho da instituição, foi utilizado o Diário de Campo. Este dispositivo de trabalho permite registrar as vivências em palavras e ao mesmo tempo registrar as nossas reflexões, possibilitando a apreensão dos sentidos e significados das relações e dos elementos constituintes do cotidiano (Oliveira, 2014).

A escolha por utilizar o diário de campo como dispositivo de trabalho partiu do reconhecimento de sua riqueza em registrar nossas memórias e sentimentos para que pudessem ser acessadas depois do tempo presente. Realizava as minhas anotações sempre ao final do dia de trabalho, onde iniciava registrando os/as trabalhadores/as presentes naquele dia, descrevia as ações realizadas no dia, registrava minhas observações e tecia comentários sobre conversas informais com outros/as trabalhadores/as quando avaliava pertinente. O diário tinha acesso restrito apenas para mim e a minha orientadora, o que me dava mais liberdade para detalhar as vivências e expressar meus sentimentos

Além do diário de campo, mais pessoal e individual, realizávamos uma formação semestral com a leitura e discussão de textos no nosso grupo de orientação. As leituras eram propostas pela orientadora e também por recomendações dos/as orientandos/as, sempre condizentes com o que estávamos vivenciando em nossos campos de trabalho. Ao longo do semestre, realizamos leituras de teóricos e teóricas como Paulo Freire e Bell Hooks e da Psicologia Social do Trabalho (PST), os temas discutidos diziam respeito à comunidade, práticas amorosas, educação popular, comunicação e cotidiano de trabalho.

A formação, o contato com as temáticas específicas do nosso dia a dia do estágio, foi fundamental para pensarmos nossas ações na instituição. A compreensão da comunidade como laço e vínculo de proteção e de amor me ajudou a pensar na importância das relações

que estávamos construindo na instituição. Paulo Freire e Bell Hooks bem ensinaram a respeito da comunidade, educação e amor, assim, podemos pensar em uma tríade: amor- educação-comunidade. Não qualquer ideia simplista de amor, mas amor como potência e ação, como luta e proteção. Como diria Bell, quem ama, protege e cuida. A partir disso, pude entender como esses elementos estavam presentes nas relações que foram se constituindo entre nós, educandos e demais trabalhadores e, ainda mais importante, como eles davam sentidos às nossas práticas.

A PST nos ajudou nas reflexões e questionamentos sobre as atividades de trabalho. Quais implicações a minha prática no trabalho tem para a minha vida? Quais minhas motivações para fazer o que faço? Pensar de forma mais crítica sobre o trabalho, nossas ações, nossas relações, às vezes, parece ser um movimento bastante difícil ou até mesmo incomum. A partir disso, os olhares da PST abrem espaço para discussões mais aprofundada sobre essas/es trabalhadoras/es, sobre o coletivo de trabalho, sobre o cotidiano. Entender que a função dos trabalhadores e trabalhadoras dessa organização é cuidar, proteger e educar crianças e adolescentes a partir do amor e da comunidade é olhar também por outra perspectiva: quem cuida desses educadores e educadoras? Como elas/eles percebem seus sentimentos, suas angústias, seus sofrimentos? Qual é o tipo de relação que estabelecem entre si? Como essas relações se desenvolvem?

Cotidiano de trabalho

Reuniões de planejamento com os núcleos gestor e pedagógico

No segundo semestre de 2022, pensando ainda na proteção contra a Covid-19, os encontros ocorriam semanalmente de modo online para planejamento e organização das atividades e repasses informativos. Os encontros dividiram-se em dois dias, segunda-feira e quinta-feira, sendo o primeiro dia a reunião do núcleo pedagógico e no segundo dia a reunião

do núcleo gestor. As reuniões do núcleo pedagógico, às segundas-feiras, contavam com a participação da educadora e do educador circense, da psicóloga, da assistente social e das três estagiárias de psicologia. O objetivo do encontro era o planejamento do dia de oficinas com os/as educandos/as no sábado, deliberações sobre eventuais intercorrências e avaliações do cotidiano de trabalho.

As reuniões do núcleo gestor, às quintas-feiras, contavam com todos os/as trabalhadoras/es da instituição. Participavam da reunião o núcleo gestor, o pedagógico, o psicossocial e o de serviços gerais. A finalidade desses encontros era deliberar sobre as ações administrativas, fazer repasses das reuniões do núcleo pedagógico e do psicossocial, carinhosamente chamado de “pedapsicossocial”, planejar o dia de trabalho do sábado, avaliar o cotidiano de trabalho, bem como as relações estabelecidas entre as pessoas que fazem parte da instituição, seja como trabalhador/a ou como educando/a.

No semestre atual, as reuniões acontecem presencialmente apenas na sexta-feira à tarde, alternando entre reunião pedagógica e reunião de projetos. Na reunião pedagógica são definidos informes, pautas e encaminhamentos acerca das ações realizadas ao longo da semana tanto do setor pedagógico quanto psicossocial construindo um espaço para diálogos sobre as demandas, bem como para planejamentos e organização de eventos/oficinas. A reunião sobre projetos é destinada à discussão dos editais com o objetivo de construir/atualizar novos projetos para solicitar o subsídio necessário para a continuação do trabalho da ONG.

A forma de gestão horizontal do trabalho dessa organização possibilitou uma integração entre os/as trabalhadores/as da instituição e as estagiárias de psicologia, pois a nossa participação ativa em todas as discussões e deliberações demonstrou o reconhecimento que foi concedido ao nosso trabalho e atuação na instituição. Acompanhar intimamente o processo de gestão do trabalho, organização de tarefas, avaliação do cotidiano contribuiu

significativamente para a nossa formação profissional. A aceitação e acolhimento por parte das/os trabalhadoras/es da instituição acerca da nossa forma de atuar foi fundamental para o nosso desenvolvimento e aprendizado.

A possibilidade de atuar nesse espaço, com uma participação mais efetiva, proporcionou um sentimento de pertencimento à organização, não sendo apenas uma espectadora que observa os processos, mas tornando-se um ator importante na construção dele. A partir da forma de gerir o trabalho dessa organização que percebemos um contexto bastante convidativo para os olhares da Psicologia Social do Trabalho, que entende a gestão para além de processos rígidos e prescritos, compreendendo o cotidiano como um movimento fundamental para a constituição do coletivo, que se constrói pela invenção e negociação. De tal modo, possibilitou que pudéssemos refletir criticamente sobre os processos de trabalho, escutar e compartilhar os afetos e afetações entre as/es trabalhadoras/es e sugerir ações coletivas que priorizassem o diálogo, visando a construção de reflexões e superações coletivamente.

O cotidiano na cozinha

A atribuição dos cuidados com a cozinha e com a limpeza era destinada a uma das trabalhadoras da instituição. No prescrito, a função é de responsabilidade dela, mas isso não impedia que os outros trabalhadores/as a ajudassem. No sábado, dia em que os educandos e as educandas tinham atividades na instituição, as/os trabalhadoras/es se organizavam no início da manhã para ajudar na preparação do café da manhã e do almoço. No semestre atual, foi contratado outro profissional para cuidar especificamente da limpeza, assim, a trabalhadora da cozinha não precisa dividir o seu tempo com as duas funções. Nossa interação com as atividades da cozinha, quando possível, serviu como elemento chave para a aproximação com a trabalhadora, que também é mãe de dois educandos da instituição e

atualmente é educanda da oficina de culinária, além de auxiliar com a distribuição da carga de trabalho.

A negociação aqui empreendida evidencia que a gestão do trabalho é feita também por essa trabalhadora, pois a atividade que desenvolve é fundamental para ofício da instituição, não apenas enquanto profissional da cozinha, mas também enquanto educanda da instituição. Sua atuação é fundamental para a permanência de alguns educandos na ONG, pois infelizmente não há investimento o suficiente para que seja possível transportar os educandos até a instituição, e o fato de ser uma moradora do território facilita o acompanhamento dessas crianças e adolescentes que não poderiam ir sozinhas.

Ações Realizadas pela instituição com as crianças e adolescentes e seus familiares

No semestre passado, a instituição oferecia atividades presenciais todos os sábados, das 8h às 16h. Por causa do baixo orçamento de verba para a realização do trabalho e também do baixo retorno financeiro, os trabalhadores e trabalhadoras da instituição precisam assumir outros empregos, o que dificulta que a instituição funcione durante mais dias na semana. Além do oferecimento das oficinas de Circo Social e Capoeira, há também promoção de alimentação (café da manhã, almoço e lanche da tarde) para todos os educandos e trabalhadores da instituição. No semestre atual, a instituição funciona na segunda, terça, quarta, sexta e sábado, durante toda a tarde. Oferece oficinas de circo, teatro e dança para crianças, adolescentes e jovens, clube de poesia - quinzenalmente às sextas-feiras – e oficina de culinária para as mães dos educandos aos sábados.

Todo sábado, após o café da manhã, a oficina de Circo Social dava abertura às atividades com uma roda coletiva intitulada como: “*Bom dia*”. Este é um momento propício para debater temáticas importantes, dar informativos e avisos, compartilhar experiências, sentimentos e conquistas. Às vezes, o coletivo da capoeira fazia participações com batuques,

danças de maculelê e recitação de poesias, contribuições importantes que envolviam todas as pessoas presentes e proporcionavam um contexto mais harmonioso. Desse modo iniciava-se o dia de trabalho da organização. Em 2023, com a realização das atividades durante a semana, a abertura do dia de trabalho tem início com o “boa tarde” que segue a mesma lógica do ano anterior, com informes, discussões pertinentes e organização do grupo responsável por ajudar com a limpeza da cozinha após o lanche.

A estrutura do local é bastante acolhedora. Contém um espaço amplo, onde a maioria das atividades aconteciam e também as rodas de capoeira, um galpão para as oficinas de circo, uma sala que era utilizada para reuniões com os familiares e outros ambientes que não estavam sendo utilizados no momento. As rodas de capoeira eram conduzidas por uma Mestre, fato de grande importância e conquista para a mulher em nossa sociedade patriarcal. O momento da oficina de capoeira era também um espaço de diálogo e reflexão sobre a história, cultura e arte onde os/as educandos/as desenvolviam suas potencialidades e construíram novos aprendizados.

O Núcleo Psicossocial, no último semestre de 2022, era composto pela Assistente Social, Psicóloga e estagiárias de Psicologia. Em 2023, por falta de verba, ainda não foi possível contratar um novo profissional da Assistência Social, então o setor é composto pela Psicóloga da instituição e as três estagiárias de Psicologia. É de atribuição do núcleo o acompanhamento e participação das reuniões da Rede Roger Varadouro de Proteção Integral de crianças, adolescentes e suas famílias, que conta com a participação de representantes do CRAS, CREAS, CAPSi, Conselho Tutelar, ONGs, Acessuas Trabalho, escolas do território e creches, com a finalidade de debater e fortalecer a proteção, realizar estudos de casos e reivindicações de direitos.

O setor também tem a função de realizar atendimentos de escuta qualificada multiprofissional/escuta psicológica de modo pontual; e de orientação e informação. Nesse

sentido, aconteciam tanto atendimentos individuais quanto grupais, a partir de demandas espontâneas ou necessidade específica de acompanhamento psicossocial tanto com os/as educandos/as quanto com os familiares. O atendimento era realizado na sala da equipe, de maneira interprofissional e com a participação supervisionada de uma das três estagiárias de Psicologia (mantendo a rotatividade) e garantindo o total sigilo das informações e os encaminhamentos pertinentes.

Os atendimentos grupais ocorriam a partir de demandas que surgiam no cotidiano do trabalho, das oficinas ou do contexto familiar, geralmente advindas do olhar atento dos educadores ou dos próprios/as educandos/as. Nesses casos, o atendimento ocorria no mesmo ambiente e seguia as mesmas diretrizes do Código de Ética, sendo mais requisitado para mediação de conflitos e escuta em grupo.

Uma outra ação que cabe destaque, são os circuitos temáticos, que tinham como objetivo fomentar o protagonismo, reflexão, conscientização e o diálogo. Os facilitadores/as dessas rodas de diálogos eram os/as trabalhadores/as que compunham a equipe pedagógica e psicossocial - incluindo as estagiárias de psicologia - e ocorriam antes do início das oficinas. A dinâmica da roda era orientada por uma lógica provocativa, no sentido de promover reflexão e conscientização, mas também acolhedora e afetuosa, com o intuito de promover a educação.

Ao longo do ano foram realizados quatro encontros sobre temáticas diversas. O primeiro foi um encontro para dialogar sobre a Luta Antimanicomial, sendo utilizado como elemento mediador um vídeo com a música “Balada do Louco” de Arnaldo Baptista e Rita Lee. O segundo encontro teve como foco a campanha de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. O terceiro encontro foi intitulado de “Bom dia, Democracia”, que ocorreu no mês das eleições presidenciais do país, tendo como objetivo refletir sobre política, democracia e privilégios. Para isso foi proposta a “corrida dos

privilégios” o que gerou reflexões sobre os direitos e deveres das sociedades civil e do Estado, bem como sobre democracia e participação social. O último encontro do ano foi em alusão ao Dia da Consciência Negra, com participação da Mestre de Capoeira.

As ações relacionadas às famílias dos/as educandos/as tiveram como ferramenta mediadora, sobretudo, a visita domiciliar. As visitas aconteciam com uma frequência quinzenal, com equipe composta pela Assistente Social, pela Psicóloga e pelas estagiárias de psicologia (atualmente, sem a presença da Assistente Social). As visitas dividiam-se em duas frentes: visitas de acompanhamento e monitoramento e visitas de atendimento a demandas psicossociais específicas. O acompanhamento e monitoramento tinha como objetivo acompanhar a situação de moradia das famílias, situação educacional e de desenvolvimento das crianças e adolescentes, situação de trabalho, de alimentação e convivência. Para tanto, eram realizadas escutas por demandas espontâneas, o que possibilitou compreender o contexto de vulnerabilidade e desigualdade onde essas famílias estavam inseridas, contribuindo para encaminhamentos aos serviços da Rede de Apoio Psicossocial e para equipamentos de garantia e defesa de direitos.

Embora a visita domiciliar ainda não tenha grande reconhecimento e valorização como uma das atribuições do/a profissional da Psicologia, seja no âmbito da universidade ou na prática profissional, foi possível perceber a partir da vivência no estágio a importância desta como um instrumento privilegiado da assistência social e da área da saúde. Por ser um espaço propício para o desenvolvimento do processo de saúde e cuidado, e um espaço de articulação entre demandas individuais e da família com os outros dispositivos da rede e da comunidade em que esses usuários estão inseridos é imprescindível a participação do profissional da psicologia. Além da escuta, a integração do profissional da psicologia com a equipe de trabalho muito tem a contribuir com a ampliação das práticas de cuidado e de

promoção de saúde, possibilitando diálogos e trocas fundamentais inclusive entre o coletivo de trabalho.

Outra ação com os familiares era a distribuição de cestas de alimentação. Estas cestas eram montadas com o recurso proveniente de doação do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES–SN). Por não conseguir abarcar todas as famílias, era realizado um mapeamento a cada mês das famílias que apresentavam maior necessidade no momento e assim eram distribuídas. Outra ação era a oferta de *Chesters* de Natal proveniente de uma campanha do programa *Mesa Brasil Sesc*, uma rede nacional de bancos de alimentos que atua contra a fome e o desperdício e desenvolve ações educativas (Mesa Brasil SESC, 2022)

Foram ações como essas que também contribuíram para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes da organização, pois a distribuição dos alimentos, viabilizadas pelos trabalhadores da instituição, puderam garantir minimamente o direito à alimentação. Essa proposta, embora importante, me causa desconforto e indignação. Pela realidade observada das famílias que são assistidas pela instituição, percebemos as várias situações de vulnerabilidades a qual são expostas, por isso, ações como essas são importantes porque são uma forma de minimizar a insegurança alimentar, por exemplo. No entanto, denuncia mais uma vez a ineficiência do Estado na construção e efetivação de políticas sociais que garantam os direitos a essas famílias.

O compromisso da Psicologia deve ser também lutar por essas causas, analisar criticamente as relações e situações de desenvolvimento social das pessoas, levando em consideração a história, cultura e sociedade em seus significativos recortes. É preciso se indignar todos os dias com a nossa realidade social, pensar que, se não houvesse ações sociais como as que descrevi, muito provavelmente essas famílias não teriam condições de realizar as refeições básicas diárias. Mas não basta se indignar, é preciso transformar esse sentimento

em ação, em luta coletiva e transformação social. E esse deve ser o compromisso e lugar da Psicologia sempre.

Mapeamento educacional

Um dos projetos de fomento às atividades culturais da organização solicitava que fosse realizado um acompanhamento da situação educacional das crianças e adolescentes educandos. Nesse sentido, a equipe psicossocial construiu um instrumento no *Google Forms* a partir das experiências no mapeamento realizado no ano anterior, das demandas observadas e levantadas pelas famílias e nas visitas domiciliares, das discussões no trabalho em Rede e das queixas dos próprios educandos sobre a realidade atual das escolas onde estudavam.

O contato realizado para o mapeamento ocorreu no final do segundo semestre de 2022, através de ligações telefônicas para uma das pessoas responsáveis pelo/a educando/a. Foi elaborada uma planilha com todos os detalhamentos necessários sobre as crianças e adolescentes para o contato, este que foi feito de maneira distribuída e colaborativa entre a equipe psicossocial. Importante ressaltar que parte delas foram realizadas presencialmente somando-se às visitas domiciliares, o que possibilitou um contato mais íntimo e proveitoso com os familiares. Foi possível realizar o mapeamento com 43 educandas e educandos, sendo submetidos a análise estatística descritiva e de categorização temática das perguntas abertas. O principal resultado desse mapeamento foi a construção de uma cartilha informativa acerca do diagnóstico da situação educacional no considerado ‘pós-Covid’ com a proposta de pensar estratégias interventivas para solucionar os problemas encontrados.

A motivação que nos envolveu para a realização desse mapeamento foi para além de cumprir com o prescrito, porque o enxergamos como um instrumento possível de reivindicação dos direitos dessas crianças, adolescentes e jovens. A pesquisa mostrou o que não era novidade: falta de infraestrutura das escolas, aulas em formato remoto que

dificultavam o acompanhamento, aumento das situações de empobrecimento das famílias, aumento do trabalho infantil e consequentemente aumento das situações de vulnerabilidade. Escutar e acolher as demandas e dificuldades dessas famílias foi fundamental para discutir e reivindicar com a Rede estratégias de enfrentamento e denúncias das violações de direitos.

O mapeamento também requisitou uma força tarefa de todas as trabalhadoras do setor psicossocial, onde pudemos nos colocar afetivamente e implicadas desde a elaboração do material de pesquisa até o momento da conversa com os familiares com o objetivo de contribuir com a transformação de uma realidade repleta de vulnerabilidades. O trabalho que realizamos foi a construção de uma materialidade simbólica, fruto do trabalho realizado ao longo do semestre, do acompanhamento das famílias, das escutas cotidianas dos educandos, da observação do território e, mais ainda, do compromisso que nutrimos com a nossa prática profissional e humana. Para mim, essa atividade de trabalho não significou apenas uma atribuição prescrita, demanda a ser cumprida, mas sim possibilidades de agir em defesa e proteção da infância e adolescência.

Encontros com os familiares

No segundo semestre do ano de 2022 foram realizados dois encontros com os familiares na própria instituição. A proposta desses encontros estava voltada para o compartilhamento das atividades que estavam sendo realizadas com as meninas e meninos atendidos/as pela ONG com os seus responsáveis, conversar sobre o desenvolvimento das educandas e educandos, a forma de manutenção da instituição, bem como sobre temáticas pertinentes à vida cotidiana. O objetivo era trazer os familiares sempre para perto da realidade vivida por seus filhos na instituição, ressaltando a implicação deles com a cultura e arte como mediadora e potencializadora do desenvolvimento.

O primeiro encontro contou com a participação de toda a equipe pedagógica e psicossocial e foi mediada pela coordenadora pedagógica, psicóloga e assistente social. O objetivo do encontro era o compartilhamento das atividades, promovendo uma conversa sobre as formas de organização da instituição, bem como sobre a importância da família nas práticas pedagógicas e psicossociais. Os familiares sentiram-se à vontade para expressar a gratidão ao trabalho realizado na instituição, ressaltando o avanço no desenvolvimento de seus filhos. Houve também um levantamento das demandas e necessidades dos familiares e um momento de sensibilização sobre o Mês de Combate à Violência Contra a Mulher.

O segundo encontro contou com a participação da equipe pedagógica, da psicóloga e das estagiárias. Este encontro foi facilitado pelas estagiárias de Psicologia sob supervisão da Psicóloga. Foi organizado em três momentos: 1. conversar sobre como estavam se sentindo e como estavam os seus filhos; 2. conversar sobre o atual contexto social e político e como isso estava afetando a vida; 3. levar informes sobre eventos e atividades que estavam sendo organizados na instituição. Foi uma experiência significativamente boa, enquanto estagiária, conduzir uma reunião com um coletivo de profissionais e familiares, podendo conversar e refletir sobre temas tão delicados como os sentimentos, a vida e sobre os nossos direitos enquanto sociedade civil, além de reconhecer o desenvolvimento dos seus filhos e filhas a partir das atividades que eles/elas realizam na instituição, como uma maneira de fortalecer a participação dos familiares nesse processo tão simbólico e afetivo.

Esses encontros nos permitiam dividir e compartilhar o trabalho que realizávamos na instituição, nossos princípios, missões e objetivos, demonstrando que o nosso fazer também necessita da parceria com a família para que seja possível e que tenha sentido, construindo e fortalecendo uma comunidade amorosa, uma rede de apoio que juntos ao Estado devem garantir os direitos à saúde, alimentação, lazer, cultura, dignidade, etc.

Ações em Saúde do trabalhador/a: encontros sobre o trabalho e sobre o cuidado

Como atividade prática e interventiva do estágio em Psicologia, foi pensado a realização de encontros temáticos com as trabalhadoras e trabalhadores da instituição a partir de demandas do contexto laboral e das relações entre os trabalhadores. O primeiro encontro foi realizado no primeiro semestre de 2022, sendo um momento de retomada das atividades presenciais, em que foi possível refletir sobre como o coletivo de trabalhadores e trabalhadoras se mobilizaram para manter a instituição funcionando, mesmo com tantas variabilidades e percalços. Além disso, pudemos escutar e refletir sobre como se sentiram, o que os/as mobilizava a continuar, e os planos para os novos desafios que enfrentariam no retorno ao funcionamento presencial da instituição.

O segundo encontro realizado tratou sobre o tema '*O Trabalho*', baseado na oficina de fotos de Osório (2010), a fim de promover reflexões acerca das vivências no trabalho, dos sentidos e significados e pensar criticamente sobre as atividades de trabalho. As fotos remetiam a representação individual do trabalho realizado por eles/elas naquele espaço. A partir da apresentação das fotos, foram discutidos os motivos que os/as levaram a escolher tais fotos; o que faziam na instituição e quais ferramentas utilizavam para realizar aquele trabalho; qual era o maior desafio e a melhor parte do trabalho que realizavam. Após o momento de discussão coletiva sobre os processos de trabalho, foi proposto que os/as trabalhadores/as expusessem as suas fotografias no ambiente de trabalho.

O terceiro encontro foi intitulado de "*Encontro sobre o cuidado*" e emergiu como uma demanda específica das trabalhadoras e trabalhadores da instituição. Após algumas reuniões de supervisão com a nossa orientadora do estágio, foi confeccionado um cartaz criativo e dinâmico que ilustrava uma linha do tempo que levava a uma interrogação e uma caixinha de sugestões (*figura 1*). O cartaz foi colocado na instituição e os/as trabalhadores/as

foram orientados a inserir na caixinha recomendações de temas que gostariam que fossem abordados no próximo encontro.

Figura 1.



O maior destaque nas indicações foi a temática do cuidado e autocuidado, além da importância do coletivo, do sentido do trabalho e uma brincadeira sobre oferecermos uma viagem coletiva. Prontamente, traçamos todo o planejamento para o encontro em três etapas distintas, mas complementares. No primeiro, com a intenção de criar uma ambiente confortável e acolhedora, recebemos os/as trabalhadores/as com ‘bilhetes de viagem’ (figura 2), ao som de músicas de uma *playlist* criada previamente e com conversas de informais.

Figura 2.



Apresentamos a proposta do encontro em três momentos, explicamos a escolha do tema do cuidado e iniciamos o segundo momento. Este teve como pergunta disparadora: “Em quais situações no trabalho eu *não* me sinto cuidado/a?”, a partir disso eles deveriam escrever o que lembrassem em *post-its* e colar na cartolina (figura 3). Frisamos que a atividade não tinha o intuito de julgar ou causar discórdias entre eles, mas sim refletir sobre qual coletivo de trabalho queremos construir.

Figura 3.



Após concluírem suas anotações, mediamos o momento para que fosse possível ouvir uns aos outros a respeito do que havia sido escrito como uma forma de gerar diálogos e reflexões. Em síntese, apontaram a dificuldade em delegar funções/tarefas, a falta de compromisso com o planejamento do coletivo, falta de comunicação com a equipe de trabalho, falta de cooperação nas funções e sobrecarga de trabalho. Esse momento foi importante para refletir sobre o que estava gerando ruídos e desconfortos no dia a dia do coletivo.

O terceiro momento foi intitulado de “jogo dos afetos” com a pergunta disparadora: “em quais situações no trabalho eu *me senti* cuidada/o por...?”. Como ferramenta concreta de mediação, utilizamos um recipiente com palavras e fotos de cada trabalhador/a que seriam sorteadas por eles. As palavras foram inspiração do livro “Tudo Sobre o Amor” de Bell Hooks (*figura 4*). A intenção do jogo era expressar alguma lembrança ou sentimento bom a partir da foto ou palavra retirada.

Figura 4.

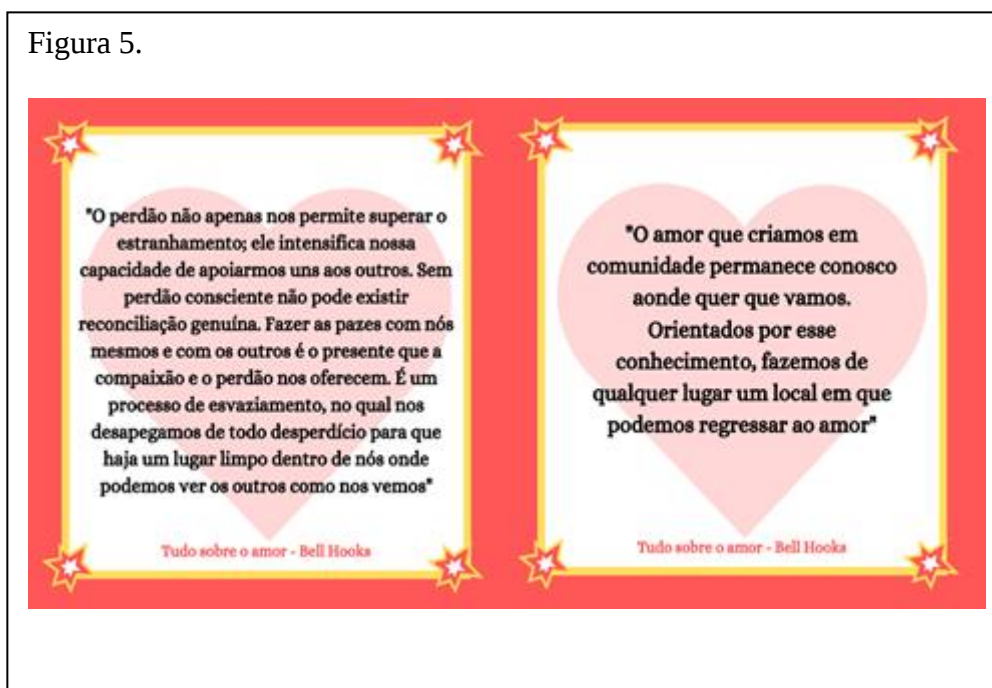
RESPEITO
EMPATIA
AFETO
RECIPROCIDADE
HONESTIDADE
COMUNIDADE
COMPROMISSO
JUSTIÇA

A ideia do terceiro momento foi pensada estrategicamente para que houvesse um fechamento caloroso e afetivo, tendo em vista que poderiam surgir diálogos desconfortáveis

ao longo do processo. Satisfatoriamente, o real da atividade ocorreu como havíamos planejado e ao final do encontro estabeleceu-se um clima de nostalgia, tranquilidade e amorosidade. Como lembrança do encontro, distribuímos dois cartões com dois trechos do livro “Tudo Sobre o Amor” de Bell Hooks (*figura 5*) e chocolates para cada trabalhador/a.

No fechamento do encontro, os/as trabalhadores/as expressaram seus sentimentos de gratidão, ressaltando a importância da existência e da continuidade de ações nesse sentido. Afirmaram que o encontro serviu como uma mediação para o diálogo sobre assuntos que estavam latentes, onde conseguiram expressar honestamente os sentimentos, emoções e opiniões e receber o acolhimento necessário pelo coletivo. Ao longo da semana, em momentos informais no dia a dia do trabalho, recebemos mais feedbacks positivos; ressaltaram, mais uma vez, o significado do encontro para eles/elas, especialmente pela escolha do tema “cuidado” visto que surgiu a partir da demanda do coletivo de trabalho.

Figura 5.



No momento de escrita deste relato, um quarto encontro já estava sendo organizado pelas estagiárias. Nosso objetivo foi olhar para as atividades realizadas por esses trabalhadores e trabalhadoras, com auxílio de um instrumento chamado “Agenda Colorida”.

Este momento não se deteve ao trabalho na ONG, mas a ideia era convocar suas histórias e cotidianos de trabalho, com fins de refletir sobre o cansaço recorrentemente trazido em nossas reuniões pedagógicas.

Tecendo considerações para pensar a prática Psi

A organização em questão foi vista como um lugar fecundo para a promoção de práticas sob uma perspectiva crítica do trabalho. Para a Psicologia Social do Trabalho, o interesse em compreender as relações de trabalho está atrelado ao compromisso com a transformação de relações adoecedoras e exploradoras, visando a produção de sentidos.

Dessa forma, penso que a nossa prática de estágio oportunizou espaços onde os trabalhadores e trabalhadoras da instituição pudessem se comunicar honestamente e expressar seus amores e dissabores. O ritmo desenfreado do cotidiano de trabalho, a sobrecarga de funções em empregos diferentes, o contexto sócio-político, a crise sanitária, econômica e social foram elementos constituintes para as afetações no trabalho realizado por esta ONG. Entendendo o trabalho como o dispêndio de energia de cada trabalhador, compreendo que não apenas o contexto micropolítico do cotidiano, mas também o macropolítico foram motivações para os adoecimentos físicos e psíquicos, para as negações e interrupções dos diálogos, estresses e ausência de autocuidado.

Destaco a força de agir da organização que, mesmo em meio a tantos atravessamentos e desmontes, busca construir e fortalecer uma forma de gestão mais real para o trabalho. A forma de organização desse coletivo de trabalho, com uma gestão interativa, evidencia a confiança que é posta em cada trabalhador e trabalhadora. Freire (2013) nos diz que a confiança faz com que os sujeitos dialógicos sejam cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. A dialogicidade empregada pela gestão aos trabalhadores constrói uma relação fundamentalmente mais honesta, onde cada pessoa tem a liberdade para expor suas reais

intenções. Nesse sentido, a “pronúncia do mundo” como a forma de agir sobre ele e construí-lo é facilitada pela coletivização da responsabilidade em gerir o trabalho, baseando-se nos mesmos princípios, fazendo surgir um clima mais saudável na organização de trabalho.

Isto não significa dizer que não existem dificuldades nesse coletivo e modo de gerir. Apesar de que a gestão horizontalizada funcionasse muito bem, havia momentos em que o coletivo ficava mais enfraquecido. Compreendendo o cotidiano de trabalho, foi possível identificar a causa desse enfraquecimento. Freire (2013) argumentava que o educador dialógico encontra uma dificuldade de atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo. No caso dessa organização de trabalho, pôde-se perceber que em alguns momentos o diálogo foi negado, ou pelo menos negligenciado, o que levou ao enfraquecimento da estrutura dialógica e ao surgimento de desconfortos no fazer do trabalho coletivo.

Os Encontros sobre o trabalho e o cuidado proporcionaram abertura para o diálogo, a reflexão das práticas cotidianas e a afirmação de uma comunidade amorosa. Para Freire (2013), os momentos onde o diálogo se faz ausente, algo fundamental a se fazer é dialogar sobre a negação do próprio diálogo, pois só a comunicação honesta é capaz de formar uma comunidade amorosa e capaz de compreender as engrenagens e afetações do trabalho (Hooks, 2021; Oliveira, 2014; Sato, 2008). Assim, a mediação que realizamos com o grupo de trabalhadores (as), nos espaços que formamos para os diálogos e reflexões foi constituinte para o fortalecimento e manutenção de uma comunidade que se organiza horizontalmente, apesar das dificuldades e também por elas.

Para Bell Hooks (2021), o amor é ação, carregado de responsabilidade e comprometimento. Por isso, esta ONG é sinônimo de amor, com um coletivo que possui práticas amorosas de cuidado, honestidade e compreensão. A responsabilidade social que carregamos neste trabalho é motivada pelos princípios de justiça, comunidade e proteção, que

também são valores da ONG, e são viabilizados pelos ensinamentos da arte, da cultura e do afeto.

A vivência neste cotidiano complexo e múltiplo, com inúmeras forças e potências de agir de cada trabalhador e trabalhadora, que foi formadora de sentidos e significados voltados para a proteção, defesa e cuidado com as crianças, adolescentes e jovens de um território que é simbólica e geograficamente periférico, onde seus direitos são constantemente negados e violados, me mobilizou e motivou mais ainda a continuar construindo atuações semelhantes às desse coletivo de trabalho.

A valorização das práticas de visitas domiciliares rompe com o fazer hegemônico clínico e evidencia novas formas de atuar em consonância com as políticas sociais sem perder de vista o olhar clínico que é indissociável das questões sociais, culturais e históricas. O olhar à psicologia do cotidiano, à psicologia do trabalho como formas fundamentais para a constituição de práticas mais saudáveis, menos engessadas, mais autênticas e negociadas que valorizam o saber do trabalhador e buscam romper com a exploração. Isto posto, finalizo com a defesa de que Psicologia deve constantemente reafirmar a noção de que o compromisso de toda e qualquer ação deve estar ligado, acima de tudo, à defesa e garantia dos direitos humanos, que passa pela defesa das políticas sociais e visa a defesa da justiça social.

REFERÊNCIAS

- Antunes, M. A. M. (1999). *A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Educ/Unimarco.
- Bastos, A. V. B. (2003). Psicologia organizacional e do trabalho: Que respostas estamos dando aos desafios contemporâneos da sociedade brasileira? *Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e da prática psicológica* (pp. 139-166). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Bernardo, M. H., Oliveira, F., Souza, H. A., & Sousa, C. C. (2017). Linhas paralelas: as distintas aproximações da Psicologia em relação ao trabalho. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(1), 15-24.
- Brasil de Fato (2022). *Centro Cultural Piollin pratica a solidariedade através da arte circense há 45 anos*. Recuperado de:
<https://www.brasildefatope.com.br/2022/12/15/centro-cultural-piollin-pratica-a-solidariedade-atraves-da-arte-circense-ha-45-anos>.
- Chauí, M. (1986). *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo, SP: Brasiliense
- Coutinho, M. C., Oliveira, F. D., & Sato, L. (2016). Olhar o cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. *Psicologia USP*, 27, 289-295.
- Freire, P. (2013). *Pedagogia do oprimido*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gonçalves, M. da G. M. *Psicologia, subjetividade e políticas públicas*. 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2013. Coleção construindo o compromisso social da psicologia / coordenadora Ana Mercês Bahia Bock.
- Hooks, B. (2021). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
- Mesa Brasil SESC (2022). *Entenda: Conheça o Mesa Brasil Sesc*. Recuperado de:
<https://www2.sesc.com.br/portal/site/mesabrasilsesc/entenda>.

- Oliveira, R. C. M. (2014). (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 2(4).
- Osório, C. (2010). Experimentando a fotografia como ferramenta de análise da atividade de trabalho. *Informática na Educação: teoria & prática*. Rio Grande do Sul.
- Pais, J. M. (2003). *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo, SP: Cortez
- Ribeiro, Oliveira, Bernardo & Navarro (2018). Práticas em Psicologia Social do Trabalho: Pesquisa e Intervenção. In Coutinho, M. C.; Bernardo, M. H.; Sato, L. (Orgs.), *Psicologia Social do Trabalho* (pp. 136). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rocha, K. B., Conz, J., Barcinski, M., Paiva, D., & Pizzinato, A. (2017). A visita domiciliar no contexto da saúde: uma revisão de literatura. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 18(1), 170-185.
- Sato, L.; Esteves, E. (2002). *Autogestão – possibilidades e ambiguidades de um processo organizativo peculiar*. São Paulo: Central Única dos Trabalhadores/Agência de Desenvolvimento Solidário.
- Sato, L. (2003). Psicologia, saúde e trabalho: distintas construções dos objetos “trabalho” e “organizações”. In: Trindade, Z. A., & Andrade, A. N. (Orgs.). *Psicologia e Saúde: campos em construção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 167-194.
- Sato, L., & Oliveira, F. (2008). Compreender a gestão a partir do cotidiano de trabalho. *Aletheia*, 27, 188-197.
- Sato, L., Coutinho, M. C., & Bernardo, M. H. (2018). *Psicologia social do trabalho*. Editora Vozes Limitada.
- Schwartz, Y. (2004). Trabalho e gestão: níveis, critérios, instâncias. Em: M. Figueiredo, M. Athayde, J. Brito & D. Alvarez (Orgs.), *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo* (pp.23-33). Rio de Janeiro: DP&A.

Spink, P. K. (1996). A organização como fenômeno psicossocial: notas para uma redefinição da psicologia do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 8(1), 174-192.